

# ENTRE A SANTA E A PERDIDA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS PELA VOZ CAMILIANA EM “MARIA MOISÉS”\*

## BETWEEN THE SAINT AND THE SINNER: REPRESENTATIONS OF THE FEMALE CAMILLIAN VOICE IN “MARIA MOISÉS”

Ariadne Maria de Mendonça Chaves\*\*

### Resumo

O presente artigo desenvolve um estudo da novela oitocentista “Maria Moisés”. A obra, de autoria do escritor romântico português Camilo Castelo Branco, é dividida em duas partes, cada qual com uma protagonista. Tem-se a mãe “perdida”, que engravida fora do sistema matrimonial, no contexto oitocentista, e a filha dela, Maria Moisés. Esta, além de ter uma história semelhante à do patriarca bíblico Moisés, acaba canonizada por cuidar de enjeitados. A partir de teóricos como Michel Foucault (2007) e Pierre Bourdieu (2007), são estudadas, na novela camiliana, as noções de *angel* e *monster* (GILBERT; GUBAR, 2000), perceptíveis na obra que exemplifica como a mulher foi formada através de uma ótica maniqueísta.

**Palavras-chave:** Mulher; Santa; Perdida.

### Introdução

“O Amor não tem meio termo, ou ele perde, ou ele salva.”<sup>1</sup>  
(HUGO apud CASTELO BRANCO, 2005, p. 1)

Foucault (2007) aponta a produção da sexualidade condicionada ao momento histórico, em especial, à época burguesa. O autor não coloca simplesmente uma repressão sexual, mas a força discursiva que teve o sexo, desde o século XVIII, e

---

\*\* Mestranda do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e bolsista REUNI/CAPEL. E-mail: arichaves@oi.com.br

<sup>1</sup> « *L'amour n'a point de moyen terme; ou il perd, ou il sauve.* » Outros termos em língua estrangeira, como este, traduzidos por mim no artigo, terão seus originais nas notas de fim de página.

como a multiplicação dos discursos sexuais esteve inserida principalmente nos campos do poder. O autor relaciona o discurso sexual, desenvolvido em vários âmbitos – familiar, psicológico, escolar etc. – a uma implantação perversa, se levados em consideração os “imperativos por trás dessa linguagem sexual” (FOUCAULT, 2007, p.43).

Neste artigo, cujo objeto é a novela portuguesa “Maria Moisés”, de Camilo Castelo Branco, as falas sobre o sexo serão lidas como exemplo da “violência simbólica” apontada por Bourdieu (2007) em **A dominação masculina**. Segundo o autor, essa agressão acontece

por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, porquanto, à dominação) (...) quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2007, p. 47).

A produção discursiva sobre sexo se relaciona ao processo de “dominação masculina” também proposto por Bourdieu (2007), cujo estudo “se torna importante para encorajar o ‘desencantamento da experiência dóxica’ em que tudo pode ser percebido como natural” (FONSECA, 1999, p. 209). Bourdieu aponta a avaliação maniqueísta imposta ao ato sexual, de acordo com o contexto social de sua realização. Isso aparece evidenciado em “Maria Moisés”, através da escrita de Camilo Castelo Branco, um texto marcado por diversos fatores como “a exaltação dos afectos<sup>2</sup> e dos instintos (...) a obsessão dos problemas amorosos” (COELHO, 1983, p. 86).

A obra, presente na coletânea **Novelas do Minho** (1965), é dividida em duas partes e apresenta duas protagonistas: Josefa da Lage e Maria Moisés, mãe e filha. A primeira é uma jovem doente que morreu ao se jogar no rio Tâmega; já a segunda cuida de crianças enjeitadas, porque, quando criança, fora abandonada. Na novela é demonstrado como a mãe apresenta uma sexualidade inadequada ao seu contexto oitocentista, diferentemente da filha que aparece de forma assexuada nesse meio.

Outrossim, “supõe o romance realista, ou parece, que a intervenção do autor destrói a ilusão de realidade a que aspira qualquer ficção. Várias ficções realistas o desmentem, - entre quais as de Camilo” (RÉGIO, 1980, p. 96). Em “Maria Moisés”, que preconizava o Realismo-Naturalismo, além de características folhetinescas, como o romance proibido e o encontro e reconhecimento do filho bastardo, deve ser

---

<sup>2</sup> Serão mantidas em todas as citações portuguesas a grafia original.

apontada a vivência do amor “sexualizado”, que Oliveira (1997) compara ao amor romântico de **Amor de Perdição**. Nas duas posturas femininas, aparece a escrita camiliana “*híbrida*” (OLIVEIRA, 1997), entre o Romantismo e o Realismo.

Ainda, no ensaio “Camilo, romancista português”, Régio (1980) aponta a dificuldade de se definir “*um amor camiliano*” na obra de Camilo (RÉGIO, 1980, p.125). Na novela, as duas mulheres, condicionadas ao meio, vivenciam o sistema patriarcal de diferentes formas. Josefa é a mulher apaixonada, que, por ser pobre, tem uma relação amorosa proibida com um fidalgo. Em contrapartida, Maria Moisés, que vive na aristocracia, abdica de um relacionamento conjugal e passa a cuidar de crianças abandonadas. Os tipos de amores, da mãe e da filha, relacionam-se, respectivamente, a dois dos apontados por Régio: “*o amor animal da fêmea e o amor – dedicação sublimado até o sacrifício*” (RÉGIO, 1980, p. 125).

Faz-se necessário dizer que a obra se desenvolve em um contexto oitocentista no qual vigorava uma mentalidade “vitoriana” (FOUCAULT, 2007) que determinava o certo e o errado em relação ao sexo. De forma que a relação sexual, permitida e/ ou proibida, estava condicionada ao matrimônio, e este ao *status* socioeconômico das pessoas. As formas distintas, em que ambas as personagens vivenciam o meio oitocentista, refletem estereótipos do feminino na época, como a “santa” e a “perdida”, o que justifica um estudo da obra pela perspectiva do gênero.

Devido à amplitude de significações que o conceito de gênero apresenta, faz-se necessário ressaltar que neste artigo se aborda a noção proposta por Scott (1995). A autora faz um levantamento histórico do conceito de gênero apontando as diversas significações às quais o termo já foi relacionado, como por exemplo, às diferenças biológicas, ao ato sexual, à reprodução, aos sistemas econômicos, como o marxismo etc. Scott coloca como uma das definições de gênero, a de o universo feminino ser gerado pela ótica masculina, o que torna significativa a escrita de Camilo sobre as mulheres da época.

Uma vez que este artigo lerá a “violência simbólica”, tanto nas personagens quanto nas leitoras, a partir da ênfase sexual, faz-se necessário o enfoque de autores de gênero. Além de Foucault (2007), Bourdieu (2007) e Scott (1995), utiliza-se Fonseca (1999). Em “A dominação masculina: Formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher”, Fonseca (1999) faz uma leitura de Bourdieu, validando a utilidade do estudo dele na área de gênero, em especial nas “(...) tentativas de compreensão dessa instituição milenar, que é a da dominação masculina” (Bourdieu, 2007, p. 207). Também, uma das principais referências desenvolvidas são Gilbert e Gubar

(2000), pois a violência que se exerce nas figuras femininas estereotipadas como *angel* ou *monster*, nas imagens da “santa” e da “perdida”, é construída por uma ótica masculina, a camiliana.

### **A mãe perdida e seu amor de perdição – a pena de morte**

Um alto preço devem pagar todos os que erram,  
De forma que ninguém pense em voar para o perigo<sup>3</sup>  
(BYRON apud CASTELO BRANCO, 2005).

A primeira parte da novela conta a história de Josefa da Lage, a moça “suicida”. A jovem pobre, da Aldeia de Santo Aleixo, apaixonou-se por Antônio de Queirós, filho de um fidalgo, e correspondida, vive com o rapaz uma paixão que se desenrola no espaço bucólico da região minhota, norte de Portugal. Grávida, Josefa se esconde em casa como uma doente, pois o namorado fora impedido pelo pai de assumi-la socialmente, visto que ela pertencia à classe baixa. Entretanto, Antônio a convida por carta para fugir, e no momento da fuga, a criança nasce e ela a leva consigo. No percurso, o berço no qual carregava o bebê cai no rio Tâmega e, na tentativa de salvá-lo, Josefa se joga na água e morre. Essa parte da novela caracteriza de forma fundamental a obra romântico-realista de Camilo, pois como Régio (1980) afirma,

Sob uma aparente objectividade ou frieza, até nos trechos de mais perfeito realismo – como os da fuga e morte de Josefa, naquela inultrapassável primeira parte de “Maria Moisés”- se nos desvenda tal misto de pormenorização justa e sentimentalidade amorável (RÉGIO, 1980, p. 137).

De acordo com Foucault (2007), a partir das “noites monótonas da burguesia vitoriana” (FOUCAULT, 2007, p. 9), a sexualidade foi relegada ao espaço doméstico e condicionada ao matrimônio. Contudo, o amor de Josefa pelo fidalgo não se desenvolveu dessa forma, o que foi enfatizado na novela por meio das relações sexuais ao ar livre. Essas tornavam o relacionamento da personagem tão bucólico

---

<sup>3</sup> “A heavy price must all pay who err,/ In some shape let none think to fly the danger” (BYRON apud CASTELO BRANCO, 2005).

quanto o espaço minhoto, sendo inclusive animalizado, pela forma como Castelo Branco (1965) o descreve:

A serra tinha penhascais, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. (...) A forma selvática e antiga do proscênio deu-lhes jeitos de antigos actores da vida animal. (...) mas talvez primitivos demais, algum tanto gaélicos, normandos, alheios de tudo o que é epistolografia amorosa, - peles vermelhas no rigor antropológico, à vista do modo como em gente honesta prosa costuma casar-se (CASTELO BRANCO, 1965, p.130).

Assim José Régio (1980) caracteriza o relacionamento vivido por Josefa, no qual há a “junção entre amor verdadeiro e sexo”: “Uma espécie de pequeno hino pagão, entrelinhado de breves comentários cínicos ou facetos, envolve aqueles amores ditos poéticos, - não obstante rústicos e físicos” (RÉGIO, 1980, p.145). E ainda: “Existe um esvaziamento da idealização que caracteriza o amor profundo” (OLIVEIRA, 1997, p. 92). Castelo Branco mostra como Josefa rompe com o papel de mulher previsto pelo sistema patriarcal; além de se amasiar, deixa claro que não se importava com o casamento, “não precisava destas esperanças. Preferia tê-lo e amá-lo (ao rapaz) nas matas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Ínsua, nas alcovas de ramagem” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 131).

Foucault (2007) escreve a organização da vida em torno do sexo e afirma que “três grandes códigos explícitos (...) regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam à sua maneira a linha divisória entre o lícito e o ilícito” (FOUCAULT, 2007, p. 44). De forma que a paixão animalizada de Josefa contradiz, de acordo com a escrita oitocentista de Camilo Castelo Branco (1965), o modo pelo qual “gente honesta deve casar-se” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 130). A jovem, que rompe com ideário do casamento, o “Sistema da Aliança Legítima” (BOURDIEU, 2007, p. 45), no séc. XVIII, torna-se a representante de um amor de perdição, “uma bruxa ou um monstro, uma criatura mágica do mundo inferior, que é uma espécie de imagem antitética do espelho de um anjo”<sup>4</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 28). Interessante ressaltar, de acordo com Régio (1980), como a questão “da queda da mulher, o pecado de amor” (RÉGIO, 1980, p. 143), presente na escrita camiliana, exemplifica em sua “literatura romântica esta realista necessidade duma satisfação física” (RÉGIO, 1980, p. 145). O autor também menciona

---

<sup>4</sup> “(...) a witch or monster, a magical creature of the lower world who is a kind of antithetical mirror image of an angel” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 28).

A maioria das suas mulheres cedem, ou as sentimos prontas a ceder (...) se tantas vezes a mulher que mais interessa ao romancista se entrega (não a ajudará ele a cair?) e essa dádiva de si extramatrimonial é um delito aos olhos da sociedade, e um delírio resultante da loucura amorosa, - compreende-se que entre o crime, a loucura, a queda da mulher, haja relações que a intuição de Camilo surpreende (RÉGIO, 1980, p.144-145).

Segundo Castelo Branco, “passados cinco meses aprazados (...) Josefa já não saía da cama, a fim de evitar que a vissem. Expedia gritos de indizível angústia, extorcia-se em frenesins” (CASTELO BRANCO 1965, p. 133), estava grávida. A obra deixa claro o desespero da mulher por causa da gravidez, a prova de sua “sexualidade ilegítima” (FOUCAULT, 2007, p. 10) em um meio vitoriano, a confirmação de sua perdição, que devia ser escondida inclusive da mãe, a saber:

E, como se levasse as mãos aos quadris no ímpeto da dor aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ela. Neste instante fez-se-lhe luz na alma a um clarão infernal. Aqueles gritos e contorções recordaram-lhe que havia sido mãe: viu como nunca vira os sinais do crime nem sonhado; os modos suplicantes da filha confessavam o crime (CASTELO BRANCO, 1965, p. 149).

O enfoque na misteriosa doença de Josefa caracteriza a repressão do sistema patriarcal, pois “o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também” (FOUCAULT, 2007, p. 10). Faz-se necessário mencionar que, apesar da escrita romântica, a “complexidade” da personagem Josefa, apontada por Oliveira (1997), é descrita de forma realista nos temores, pensamentos e angústias, na sexualidade e na morte da moça, cujo vestido molhado transparecia “um contacto de líquido quente com fartum enjoativo de sangue” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 118).

Se a escrita de Camilo Branco se mostra favorável a uma relação que não se restringe ao vínculo matrimonial, deve ser ressaltada a preferência dele, até mesmo de forma irônica, para o desfecho trágico de muitos desses relacionamentos. Isso acontece na novela e pode ser lido como uma forma opressora de se conceber o feminino, castigado no contexto. A relação animalesca que desconstrói a mulher Josefa, implica um meio oitocentista na necessidade de uma punição. Além da perda do filho, à moça é aplicada, como mostra a escrita camiliana, a pena de morte, confirmação máxima de seu desligamento com o sistema patriarcal, o que lembra “o direito do suserano de vida e de morte” (FOUCAULT, 2007, p. 147). Como coloca Régio (1980), “lá está a desgraça à espreita, ele (Camilo) bem no sabe, - a

desgraça, o martírio, o heroísmo, a penitência - e como não ser grato ao nosso romancista às suas virgens loucas já não virgens?” (RÉGIO, 1980, p. 146).

Castelo Branco expõe: “Josefa suicida-se. Agora, seja qual for a causa que levou esta mulher morta à desesperação, a caridade o que aí vê é uma desgraça” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 126). Quando a perda se afoga ao tentar salvar o bebê, não se torna uma mártir, à Josefa, depois de títulos maléficos, como “enfeitiçada e amaldiçoada” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 142,149), ainda é relegado o de “suicida”, o que melhor exemplifica a situação dessa mulher no sistema: suicidou-se ao infringi-lo. De forma que a escrita camiliana, em “Maria Moisés”, mostra a punição do feminino desobediente ao sistema, criticando que: há a “mulher em forma de um monstro/ um monstro em forma de uma mulher/ (...) há galáxias de mulheres/ fazendo penitência por impetuosidade” (RICH, 2011)<sup>5</sup>.

### **A filha santa e seu amor de salvação - a purificação**

Saiu um anjo, a criatura de Deus, chamam-lhe a mãe dos pobres.  
(CASTELO BRANCO, 1965, p. 195)

Sobre a escrita de Camilo Branco, Régio (1980) aponta, além da desgraça, “uma não menos funda tendência camiliana: a que poderemos qualificar de ‘sedução do bem, exigência de sublimação, gosto de santidade’” (RÉGIO, 1980, p. 146). Nessa parte, “o patriarcado como estruturador das relações sociais entre homens e mulheres” (FONSECA, 1999, p. 210) faz-se presente de forma bastante suave, pois não há quem castigar e sim quem acolher àquela que obedece. Fato que o escritor aponta até mesmo pelo número de páginas, menor que na história da mãe pecadora.

A segunda parte de “Maria Moisés” apresenta-se como um relato hagiográfico que se desenvolve na freguesia de São Salvador. Como o próprio nome da aldeia demonstra, surge uma salvadora. A criança, deitada no berço que boiava no rio Tâmega, foi chamada Maria Moisés por ter uma história análoga à do patriarca

---

<sup>5</sup> “A woman in the shape of a monster/ a monster in the shape of a woman / (...) Galaxies of women, there/ doing penance for impetuousness” (RICH, 2011).

bíblico Moisés. Este, de acordo com o Livro do “Êxodo” (2005), foi encontrado pela filha do faraó num cesto que boiava no rio Nilo e educado na corte do Egito.

A vida da santa inicia com seu nascimento nas águas, as quais, como um banho, parecem purificá-la de ter nascido como fruto do pecado da carne. Criada por uma família de posses numa sociedade também vitoriana, a menina Moisés, diferentemente de sua mãe, soube cumprir o sistema patriarcal. Ao retornar do Convento das Teresinhas, para onde foi aos 15 anos, expressa e realiza o seu desejo: cuidar de crianças que, como ela, foram enjeitadas.

“Maria era alta, refeita, loura e bela como Josefa de Santo Aleixo; mas de uma beleza mais senhoril” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 203) e, ao contrário da mãe perdida, torna-se representativa de um amor de salvação. Como o Moisés bíblico que adulto foi quem, chamado por Deus, libertou os hebreus da escravidão egípcia (ÊXODO, 2005), a mulher Moisés também tem uma missão: salvar o seu povo, os enjeitados, condenados à escravidão do papel social a eles atribuídos, o de filhos proibidos.

Torna-se bastante significativo relacionar o caráter salvífico da personagem à noção de vocação proposta por Bourdieu (2007), que faz com que “as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade as tarefas (...) subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão” (BOURDIEU, 2007, p. 73). Também cabe retomar Fonseca (1999), que, ao apontar a relevância de Bourdieu (2007), reitera a construção social dos sexos como somatização da dominação, o que se evidencia na “mãe dos pobres” (CASTELO BRANCO, 1995, p. 195). Dessa forma, o patriarcalismo aparece mostrando o dever de Maria Moises e a vocação dela reflete uma imposição do sistema:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, ou, em outros termos quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (BOURDIEU, 2007, p. 22).

Ressalta-se que a bastardia, referência pessoal na obra camiliana, de acordo com Oliveira (1997) é colocada na novela minhota como uma “característica positiva, que dá ao indivíduo uma visão menos interesseira da vida” (OLIVEIRA, 1997, p. 92). Há em Maria Moisés um processo de mortificação de si própria, como se ela purificasse a si e à mãe. “Exorcizada da vida pública, negou os prazeres (embora

não as dores) da existência sensual”<sup>6</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 26), e se privou não somente de uma vida sexual e afetiva, mas inclusive de uma vida luxuosa, assim como o patriarca bíblico, para salvar seu povo.

A atitude da filha de Josefa parece justificá-la no sistema oitocentista, visto que “a penitência, a expiação, trituram muitos dos seus delinqüentes num purgatório que, porém, os fará dignos da Vida” (RÉGIO, 1980, p.146). A escrita de Camilo Branco (1965) relata que por toda a caridade praticada, aquela que “tem no rosto a formosura da alma” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 196) foi elevada a santa pelos personagens da novela, “chamavam-lhe a santa Moisés, sem respeito a processos de canonização” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 183). De forma que

o crime praticado ou até simplesmente sonhado esclarece, digamos a grandeza do bem (...) O próprio mero pecado da carne (se há mero pecado da carne) se torna, assim, um pecado do espírito. Ora pelos pecados do espírito - são os homens de espírito os mais tentados. Depois é que lá vem o gosto da sublimação e da santidade! e se exige, se justifica o arrependimento, a penitência, a expiação (RÉGIO, 1980, p. 147).

O reconhecimento, “característica típica dos romances folhetinescos” (OLIVEIRA, 1997, p. 90), acontece no final, quando o pai de Maria Moisés regressa ao Minho. Antônio de Queirós encontra a filha, já empobrecida pela caridade praticada, paga suas dívidas e se declara seu pai. Parte em que a necessária presença de um homem, pai, para resgatá-la, reafirma a não existência dessa mulher na sociedade dos oitocentos. A santa, que soube o seu lugar, que soube ser filha mesmo sem pai, foi então abraçada pelo sistema, como se tivesse pagado pelos erros da mãe, os purificados.

Presenteada com o reconhecimento paterno, o ápice da elevação social de Maria Moisés acontece quando o pai, representativa máxima do sistema patriarcal, a exalta: “Se eu morrer debaixo da luz dos teus olhos, Deus me chamará a si, não pelos meus merecimentos, mas pelas virtudes de minha filha” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 208); a mulher que se torna numa visão paradigmática, utilizando as palavras de Gilbert e Gubar (2000): “a obra de mármore do patriarcado”<sup>7</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 41).

---

<sup>6</sup> “Exorcised from public life, denied the pleasures (though not the pains) of sensual existence” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 26).

<sup>7</sup> *Patriarchy's marble opus* (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 41).

## Duas partes, duas mulheres, uma só voz: a voz de Camilo

“Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte” (POULAIN DE LA BARRE apud BEAUVOIR, 1970, p. 8).

Castelo Branco (1825-1890) foi um autor do Romantismo Português que teve uma conturbada vida<sup>8</sup>: apaixonou-se por mulheres casadas, sendo inclusive preso por bigamia e adultério. Por causa de dificuldades financeiras, ele passa a escrever por dinheiro e se torna o primeiro escritor de Portugal a viver de sua produção literária, em especial das novelas, devido à facilidade de comercializá-las. Contudo, como nos afirma Coelho (1983),

para julgar da sua responsabilidade e do seu mérito na criação da novela, é preciso não perder de vista os rumos espirituais para que o meio cultural o impeliu, as limitações que lhe impôs (COELHO, 1983, p. 86).

Castelo Branco “deplorava que os romances portugueses não fossem ‘nem pouco ou muito parecidos com o viver da sociedade’” (COELHO, 1983, p. 84), o que faz de sua obra romântica, bastante realista. Isso significa “que a escolha dos seus assuntos, problemas, conflitos, motivos, é no Camilo ‘mais camiliano’ abertamente determinada pelo seu eu” (RÉGIO, 1980, p. 108). Mesmo porque Régio (1980) coloca que “se nada soubéssemos de Camilo (...) pelas suas simples<sup>9</sup> obras já muito saberíamos (...) – o que viria de encontro à sentença: ‘o estilo é o homem’” (RÉGIO, 1980, p. 90).

No geral, a obra de Castelo Branco focaliza, principalmente, a temática amor/pecado, a polaridade bem *versus* mal, um amor de perdição *versus* um amor de salvação. Interessante ressaltar que na novela “Maria Moisés”, as duas temáticas são abordadas juntas, os dois amores distintos aparecem caracterizados em Josefa da Lage e Maria Moisés. De forma que as duas mães são contrapostas por meio dos diversos títulos a ambas relegados pelo sistema patriarcal, como demonstra a escrita camiliana: perdida/santa, amaldiçoada/anjo etc.

---

<sup>8</sup> Biografia parcial retirada do *site* Mundo Cultural.

<sup>9</sup> A conotação no texto não aparece de forma pejorativa, mas figurativa.

Convém lembrar as noções de *angel* e *monster*, propostas por Gilbert e Gubar (2000). As autoras definem a mulher como construída na polaridade boa/má, como “imagens sobre a superfície do espelho, com aquelas máscaras míticas que os artistas do sexo masculino têm fixado sobre o rosto humano (...) identificando-as com os tipos eternos que eles próprios inventaram”<sup>10</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 17). Um binarismo que exemplifica, nas falas do narrador e das personagens, a voz da “dominação masculina” (BOURDIEU, 2005). Segundo Fonseca (1999), “as formas de ser homem e mulher têm-se incluído no que se pode denominar ‘formações históricas’, ou seja, devem ser circunstanciadas ao espaço e ao tempo em que se manifestam” (FONSECA, 1999, p. 210). Percebe-se, então, como a escrita camiliana, por meio de “Maria Moisés” denuncia ao(à) leitor(a) o patriarcalismo vigente.

O sistema, que se impõe de forma dominadora, é questionado por meio de uma história que relata o processo de controle, principalmente, do feminino. Para Bourdieu (2005) a dominação masculina é um exemplo de violência simbólica “(...) que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação)” (BORDIEU, 2005, p. 47). Isso acontece tanto em Josefa da Lage quanto em Maria Moisés, que representam, de formas diferentes, uma morte do feminino. Na obra, Castelo Branco ironiza como as mulheres são interpeladas a introjetarem padrões femininos de comportamento que as definem como santa ou perdida, aceitas pelo sistema ou não.

Cabe lembrar Scott (1995) que, ao ler o gênero enquanto categoria de análise, aponta a necessidade de se compreender como as mulheres aparecem inscritas na História. Para esse autor, “Não podemos fazer isso sem dar uma certa atenção aos sistemas de significação, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações” (SCOTT, 1995, p. 6). Uma forma significativa é o discurso sexual oitocentista, que aparece como um exercício de “violência simbólica”, ao interferir na constituição do sujeito feminino. Entretanto, a escrita camiliana, nessa novela, que aparenta também exercer um domínio sobre as mulheres, critica o patriarcalismo, de forma inclusive irônica, ao usar de um recurso de dominação para questionar o sistema.

---

<sup>10</sup>“The images on the surface of the glass, with, that is, those mythic masks male artists have fastened over her human face (...) by identifying her with the eternal types they have themselves invented” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 17).

## Considerações Finais

A teórica feminista Scott (1995) identificou que “a linguagem é o centro da teoria lacaniana; é a chave do acesso da criança à ordem simbólica. Através da linguagem a identidade de gênero é construída” (SCOTT, 1995, p. 6). Por essa fala, lê-se, neste artigo, “Maria Moisés” como novela “de moralidade” que coloca como o exercício do poder patriarcal se faz pela “dominação masculina” (BOURDIEU, 2007). Escritor romântico-realista numa era vitoriana, Camilo aponta dois tipos de mulheres: a santa e a perdida. Nessas figuras femininas, o erro e a punição são contrapostos ao acerto e ao reconhecimento; caracterizando os estilos de vida de Josefa da Lage e de sua filha Maria Moisés, por meio de um olhar maniqueísta.

Entretanto, Camilo Castelo Branco, na função de um escritor engajado, questiona o patriarcalismo oitocentista na obra. Esta, com constantes traços autobiográficos, principalmente do âmbito sexual, mesmo parecendo corroborar o processo de dominação, ao descrever dois estereótipos do feminino vitoriano, refuta-o. Assim, o escritor, que vivenciou relacionamentos extraconjugais, rompendo como Josefa com o casamento e sendo também castigado por isso, deixa evidente na sua escrita o sofrimento da personagem pecadora, causando em muitos momentos a comoção do(a) leitor(a) e possível questionamento acerca do sistema. O que fica evidente nas palavras finais de “Maria Moisés”:

o último feitio das novelas é não pintar, com o colorido gótico dos românticos, os quadros comoventes que rutilam na alma a faísca do entusiasmo. Agora somente se pintam as gangrenas com as cores roxas das chagas, e com as cores verdes das podridões modernas. Nos literatos o que predomina é o verde, e nas literaturas é o podre (CASTELO BRANCO, 1965, p. 208).

Conclui-se que “desde Eva, Minerva, Sophia, e Galatea adiante, afinal de contas, a mitologia patriarcal define as mulheres como criadas por, de, e para os homens”<sup>11</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 12). Isso define como entre a santa e a perdida, a mulher *angel* e a mulher *monster*; Josefa da Lage e Maria Moisés são duas representações do feminino em “Maria Moisés” que exemplificam como o

---

<sup>11</sup> “From Eve, Minerva, Sophia, and Galatea onward, after all, patriarchal mythology defines women as created by, from, and for men” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 12).

patriarcado exerceu o seu poder, o que é relatado pela voz camiliana: “Quando os sinos de S. Salvador festejavam com três repiques o batizado de Maria Moisés, os sinos de S. Aleixo dobravam a finados (...) – Uns nascem e outros morrem... Não saberei eu dizer os mais felizes” (CASTELO BRANCO, 1965, p. 169).

## Abstract

The present article develops an analysis of the eighteenth century novel “Maria Moisés”. This work of the Portuguese romantic writer Camilo Castelo Branco is divided in two parts, each one with a protagonist. One of them is the “bad” woman, who gets pregnant outside of the marriage system. Her child, Maria Moisés, has a similar history to the one of Biblical patriarch Moses and is “canonized” for taking care of abandoned children. From theorists such as Michel Foucault (2007) and Pierre Bourdieu (2007), we study in the Camillian novel the notions of angel and monster (Gilbert, Gubar, 2000), perceptible in the work that exemplifies how the woman was formed through a Manichean optic.

**Keywords:** Woman; Saint; Lost.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CASTELO BRANCO, Camilo. Maria Moisés. In: **Novelas do Minho**. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1965. p. 109-208.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de Salvação**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CASTELO BRANCO, Camilo, **Amor de Perdição**, São Paulo, Klik editora: 1997.

COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao estudo da novela camiliana**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

ÊXODO. In: **BÍBLIA Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 2005. p. 101-144.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FONSECA, Tânia Mara. A dominação masculina. Formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 1, p. 206-213, 1999.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. The Queen’s Looking Glass: Female Creativity, Male images of Woman, and the Metaphor of Literary Paternity. In: **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. New York: Yale University Press, 2000. p. 3-44.

MUNDO cultural. **Camilo Castelo Branco (Biografia)**. Disponível em: <<http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura1/romantismo/camilo.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2011.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Aspectos do amor em Camilo: da heroína romântica à mulher comum. **Revista Letras**, Curitiba, n. 47, p. 83-93, 1997.

RÉGIO, José. Camilo, romancista português. In: **Ensaios de Interpretação Crítica**. Lisboa: Brasília Editora, 1980.

RICH, Adrienne. **Planetarium**. Disponível em: <<http://poetryoutloud.org/poems/poem.html?id=175906>>. Acesso em: 02 jan. 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.